

JOSÉ GOLDEMBERG

Energia e população

Um quinto da população mundial, que vive nos países da Europa Ocidental, nos EUA e no Japão, tem um nível de vida elevado e consome quatro quintos dos recursos naturais disponíveis no mundo. Isso vale também para energia, quer seja ela proveniente de carvão, petróleo, gás, resíduos vegetais e lenha, energia hidrelétrica ou nuclear.

Essa situação não vai perdurar para sempre, dada a enorme pressão existente nos países em desenvolvimento para melhorar o padrão de vida de sua população. Conseqüentemente, a competição pelo acesso aos recursos energéticos vai crescer, podendo levar a aumentos de preços ou a conflitos que poderão degenerar em guerras localizadas.

Pior que isso serão, provavelmente, as dificuldades da parte mais pobre da população mundial para satisfazer suas necessidades mínimas de sobrevivência. É esta parte – cerca de 2 bilhões de pessoas – sem acesso às formas mais modernas e eficientes de energia, como eletricidade, que terá maiores dificuldades para sobreviver.

O crescimento populacio-



Um quinto da população mundial consome quatro quintos dos recursos naturais

nal só vai agravar esses problemas, sobretudo nos grandes países da Ásia e da África, em razão do crescimento populacional. Esse crescimento foi tão rápido no século 20 que já atingimos a marca de 6 bilhões de habitantes no planeta, com perspectivas de atingirmos 10 bilhões no meio do próximo século.

A população dos países mais ricos deixou de crescer, mas isso ainda não ocorreu em muitos países em desenvolvimento. As razões para isso, nas sociedades rurais mais primitivas, são bem compreendidas: muitos filhos são a garantia de mais braços para ajudar na agricultura e uma forma de assegurar apoio aos velhos quando não puderem mais trabalhar – como a mortalidade infantil, no passado, era muito grande, ter muitos filhos era uma garantia para o futuro.

A medida que as sociedades se tornam mais ricas, o uso de máquinas na agricultura reduz a necessidade de mão-de-obra. Por conseguinte, a demanda por muitos filhos diminui e a ênfase passa a ser uma melhor qualidade de vida para eles. Fatores culturais são também muito

importantes. Menos filhos significa maior cuidado com cada um deles, melhor educação e melhores expectativas de sobrevivência. Essas são as razões que levaram à “transição demográfica” que se iniciou há mais de um século na Europa e levou as nações mais ricas a estabilizar sua população.

Essa transição demográfica ainda não atingiu boa parte da Ásia, África e América Latina porque, para certas tarefas essenciais – tais como obter água potável, combustível para cozinhar ou aquecimento e outras – para a sobrevivência, se utiliza o trabalho das crianças, afastando-as da escola. Além disso, elas exigem das mulheres um esforço desnecessariamente grande, reduzindo suas oportunidades de obter uma melhor educação.

Boa parte dessas tarefas poderia ser simplificada com o uso de formas mais modernas de energia: em lugar de despender horas na coleta de lenha para cozinhar, como ocorre na África, é muito mais prático e eficiente usar gás liquefeito de petróleo, como se faz no Brasil. É essa modernização que vai acelerar a “transição demográfica” nesses países e levar à redução da população futura.

Há um hábito generalizado de apontar o crescimento populacional como o grande responsável pelos problemas do mundo moderno, mas tal acusação não se justifica em vários se-

tores, principalmente na área da energia.

Estudos detalhados mostram que o crescimento da população mundial é responsável por apenas cerca da metade do aumento do consumo de energia. O resto é responsabilidade dos padrões de consumo dos mais ricos, como o uso de automóveis nas grandes cidades. Em outras palavras, cada habitante da Europa Ocidental, dos EUA e do Japão equivale a quase dez habitantes dos países em desenvolvimento quando se trata do uso de energia e de suas conseqüências, como a poluição da atmosfera, incluindo o “efeito estufa”.

A redução do crescimento populacional é o resultado natural do desenvolvimento econômico, incluindo a modernização da forma como a energia é usada. Os métodos anticoncepcionais ou os que tentam resolver o problema do crescimento populacional por meio de procedimentos médicos são eficazes, mas muito radicais.

A melhor maneira de evitar o aumento da natalidade é a remoção das causas desse aumento, o que decorre do subdesenvolvimento e da ausência de educação. Uma das melhores estratégias para atingir esse objetivo é a de modernizar o uso de recursos naturais, o que levará naturalmente à aceleração da “transição demográfica”.

■ José Goldemberg foi ministro da Educação